Faculdade Pitágoras

Ada Isabelle

Jackeline Oliveira

Karen Veiga

Niquele Costa

Fetichismo, um olhar sobre o contexto patológico e capitalista

Teixeira de Freitas – 2016

Faculdade Pitágoras

Ada Isabelle

Jackeline Oliveira

Karen Veiga

Niquele Costa

Fetichismo, um olhar sobre o contexto patológico e capitalista

Ensaio científico referente ao Fetichismo, voltado para a visão patológica e capitalista, como critério de avaliação interdisciplinar da turma do 8º período de Psicologia da Faculdade Pitágoras.

Orientador (a): André Cruz

Teixeira de Freitas – 2016

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo fazer um estudo bibliográfico sobre a visão conceitual do fetichismo ligado ao destino da sexualidade e da busca incessante do prazer que por muitas vezes ocasiona nas frustrações e no mal estar vivenciado pelo sujeito em seu ciclo de vida, baseado na teoria de Sigmund Freud, que nos propiciou a elaboração de uma pauta a respeito da distinção entre o fetichismo e o fetichismo patológico e a visão do fetichismo da mercadoria, um conceito da obra de Karl Marx.

Palavras-chave: Fetiche, Prazer, Sexualidade, Mercadoria, Felicidade.

INTRODUÇÃO

O fetichismo se caracteriza como o desejo sexual destinado a objetos ou a partes do corpo de um individuo, do qual seu ápice de prazer depende inteiramente e unicamente desse objeto alternativo de desejo abandonando assim o objeto sexual normal que seria os órgãos genitais.

> *O objeto sexual normal é substituído por outro que conserva alguma relação com id, mas é inteiramente inadequada para servidor ao objeto sexual normal [...] o que se coloca em lugar do objeto sexual é alguma parte do corpo (tal como o pé ou os cabelos) [...] ou algum objeto inanimado que tenha relação atribuível com a pessoa que ele substitui e, de preferência, com a sexualidade dessa pessoa (por ex.: uma peça de vestuário ou roupa íntima).* (Freud, 1969a [1905], p. 154-155).

A busca permanente por esse alvo é o que diferencia o fetiche considerado comum que está habitualmente presente nas relações amorosas humanas do fetiche patológico. Apesar do fetichismo está presente e mais evidente na vida adulta, ele é construído no psiquismo do indivíduo na fase da infância. O fetichismo é apresentado no DSM-IV na categoria das parafilias, junto da pedofilia, do masoquismo, entre outros transtornos mentais.

As parafilias, denominadas também como perversões, são fantasias e desejos sexuais recorrentes e intensos que envolvem objetos, atividades ou situações incomuns, que trazem sofrimento significativo e levam a algum prejuízo social ou ocupacional na vida do sujeito. A perversão cria situações especificas para atingir o gozo que podem não estar ligados há um ato sexual, e sim de vínculos sociais.

O fetichismo em sua maioria não traz sofrimento para o sujeito, pelo contrário, facilita a vida erótica, porém começa a ser prejudicial quando o mesmo torna o objeto de desejo à única forma de obtenção de prazer, caracterizando assim uma patologia. A utilização inadequada e usurpadora praticada pelo comercio também é um indicativo de outro problema vivenciado, tornando mercadorias em objetos de adoração, do qual o individuo atribui um valor simbólico.

FETICHE PATOLÓGICO

O termo tem seu exórdio na obra de Sigmund Freud, Três Ensaios da Teoria Sexual. Onde Freud coloca em contexto a sexualidade infantil, com suas fases e perversões, onde está a origem fetichista, refletindo assim na idade adulta. Na maior idade, os sinais do fetichista se tornam mais claros.

> Freud ressalta que, o fetichista recusa a realidade da falta de pênis na mãe, pois aceitar esta falta implica em reconhecer que sua própria possessão de um pênis está ameaçada. Ele encontra, então, um substituto ao pênis que falta à mãe: o fetiche.

O fetichismo foi citado por Freud como um desejo do filho pela a mãe, por falta de um pênis materno, que realmente não existe, por falta deste, não existir na mãe, ele busca algo além para poder preencher esse vazio. Por conta desse objeto não encontrado pode se criar na criança a necessidade para poder suprir essa falta, direcionando para outra parte do corpo da mãe ou para objetos. A atitude ambígua do fetichista face à castração materna é a atitude de todo Édipo, ele é um "monumento" ao próprio horror da castração.

Segundo ROSOLATO G,

> "A operação fetichista é exemplar da atividade de pensamento porque o negativo (a ausência de pênis) desmentido, por sua vez negativado, dá ao objeto, fetiche ou obra de arte, um contato e uma abertura metafórica ao desconhecido"

O fetiche é estimulante, excitante, em substituição ao genital. Estão ligados tanto na mulher quanto ao homem, é um complemento das partes entre o prazer e a satisfação num pedaço de um corpo de um objeto e no detalhe, entretanto o detalhe chama atenção à parcialidade, do que o corpo como um todo. Sendo uma complementação e não só o objetivo da relação sexual.

A condição fetichista seria, na verdade, o requisito que o objeto sexual deve cumprir, a fim de que assim se apresente para o sujeito, isto é, para que possa constituir-se em objeto do seu desejo. Destacando que o objeto "sexual" não o é em si mesmo, mas sim pelo fato de possuir certos atributos para um indivíduo em particular.

> A situação só se torna patológica quando o anseio pelo fetiche passa além do ponto em que é meramente uma condição necessária ligada ao objeto sexual e efetivamente torna o lugar do objeto normal e,

> mais, quando o fetiche se desliga de um determinado individuo e se transforma no único objeto sexual. (FREUD, 1905).

Assim o fetiche patológico está relacionado aos desejos compulsivos, quando as suas fantasias passam a ser algo essencial, que em alguns casos se tornam problemas na vida do individuo, pois ele pode fugir das normas coletivas.

A obsessão, a compulsividade são fatores que influenciam no desenvolvimento da patologia, tornando-se um mecanismo vicioso, assim ao passar do tempo o sujeito terá dificuldades para conseguir controlar os seus desejos, acarretando em uma interferência em seus convívios sociais, passando horas apenas se dedicando as suas manias sexuais.

O fetiche erótico ganha maior importância do que seu precursor, o qual o originou, fazendo com que o sujeito possa criar uma aversão aos órgão genitais femininos, como uma representação da repressão ocorrida.

FETICHE DA MERCADORIA

O conceito do fetichismo da Mercadoria foi empregado por Karl Marx na obra intitulada, O capital (1867). O que Karl Marx postula, opõe-se à idéia de valor de uso, referindo-se unicamente à utilidade de um produto. O fetiche relaciona-se com a fantasia que tal objeto exerce sobre o sujeito, projetando nele uma relação social definida, estabelecida entre os homens.

Segundo Marx o Fetichismo de Mercadoria seria como um “feitiço”, onde o homem consome cada vez mais, não pela simples necessidade ou utilidade, mas pelo valor simbólico que tal mercadoria exerce perante a sociedade, onde a partir do momento em que o valor da mercadoria passa a valer mais do que o valor do trabalho, o sujeito passa a ser manipulado, idolatrando assim o produto. O individuo passa a ser escravizado por coisas, objetos que ele mesmo cria, inventa, essa circulação mercadológica o torna um ser alienado. Logo a mercadoria passa a exercer poder sobre as pessoas, desta forma o produto passa a ter controle sobre seus desejos, ficando preso a uma constante busca pelo objeto venerado que lhe traga maior satisfação.

> Para Marx (1867, p.25), “O caráter misterioso da forma-mercadoria consiste, portanto, simplesmente em que ela apresenta aos homens as características sociais do seu próprio trabalho como se fossem características objetivas dos próprios produtos do trabalho, como se fossem propriedades sociais inerentes a essas coisas”.

Marx apresenta que o fetiche de mercadoria se dá quando perdemos o controle da situação transcendendo os limites, e dispersando daquilo que está por traz daquela mercadoria, que é a força de trabalho do próprio homem. O consumismo mercadológico extingue as fases produtivas e o empenho físico e mental do ser humano, sendo assim, o produtor passa a ser dominado pelo produto.

Marx relata como ocorre o processo do fetiche de mercadoria quando fala que:

> *“Os* objetos de uso tornam-se mercadorias apenas por serem produtos de trabalhos privados, exercidos independentemente uns dos outros. O complexo desses trabalhos privados forma o trabalho social total. Como os produtores somente entram em contacto social mediante a troca de seus produtos de trabalho, as características especificamente sociais de seus trabalhos privados só aparecem dentro dessa troca. Em outras palavras, os trabalhos privados só atuam de fato, como membros do trabalho social total, por meio das relações que a troca estabeleceu entre os produtos do trabalho e, por meio dos mesmos, entre produtores”.

A sociedade influencia o indivíduo há ter desejo por objetos dos quais rendam algum tipo de lucro para o mercado, seja na compra de objetos ou na patologização de hábitos e manias que estão intrínsecas no ser humano. E é dessa forma que eles obtém ganhos sobre os fetiches sexuais, tornando os objetos em algo extremamente atrativo, fazendo com que seja um instrumento de desejo, um ciclo “vicioso”, causando assim patologias, sentimento de culpa, desapontamentos.

Para Packard, (1965),

> “os fabricantes sempre inventam “novas necessidades” para que o consumidor o queira e o deseje, nesse sentido firmou-se o conceito de “mais vendas” através de novas combinações, estimulando o consumidor a comprar novos produtos.”

O consumo entra na vida do sujeito como um substituto para o fetichismo, colocando produtos e mercarias das mais diversas formas para seduzir o consumidor, é uma sutil forma de deslocamento dos objetos de desejo,

movimentando cada vez mais o mercado de consumo. Assim o consumismo é apresentado como um antídoto para a ansiedade causada, trazendo um bem-estar momentâneo.

A sociedade produz seres alienados, que acabam por entrar no sistema de consumo sem perceber, fazendo apenas uma repetição daquilo que lhes foi ensinado. Tornam-se incapazes de perceber e pensar criticamente, produzindo e consumindo de forma inconsciente. O fetichismo sexual de certa forma se volta para o consumismo.

Neste contexto o fetichismo, se fez como uma forma de unificação da crítica ao trabalho e ao desejo na atual sociedade moderna capitalista. Fazendo cair a ideia de que a modernidade traz consigo a racionalidade, quando na verdade continua a influenciar indivíduos, tornando-os alienados.

Podemos observar na sociedade atual um novo formato de alienação, onde os meios tecnológicos assumem um papel importante nessa busca incessante da felicidade, da realização, do status, do poder. Onde é possível observar para além da concepção da alienação original, mas um modelo alienado voltado para a imagem, para objetos e o bem-estar, reforçado pelos veículos midiáticos.

CONCLUSÃO

O conceito do termo Fetiche vem do francês que significa em português feitiço, esse termo foi utilizado no campo psicanalítico por Sigmund Freud e no campo da sociologia por Karl Marx.

O fetichismo da mercadoria nos conduz ao fetiche patológico, mesmo sendo idéias empregadas por pensadores diferentes e em tempos distintos, a busca continua da felicidade por meios que alienam e levam o sujeito a um ciclo vicioso de consumo e desejos insaciáveis sendo sexuais ou não, retrata esse efeito “feitiço” sobre os indivíduos e o adoecimento do nosso corpo social.

O “feitiço” só tem espaço por conta do afastamento dos indivíduos ao que realmente é de importância, e o que de fato é essencial ao ser humano. Ao decorrer dos anos o homem passa inverter seus valores, mudar suas

aspirações, e com isso passa a acreditar em novas maneiras de encontrar a felicidade, acreditando que o aumento das civilizações e o avanço das tecnologias, encurtariam esse caminho, porém, muito se demora a perceber que o que o homem tanto almeja construir, evoluir, ampliar para o alcance de sua felicidade suprema é na verdade um distanciamento de suas origens animal, que o afasta cada vez mais de sua vida primitiva, diminuindo o contato com as coisas naturais, que são necessárias para manutenção de nossa saúde e bem-estar já que somos animais.

> Esse argumento sustenta que o que chamamos de nossa civilização é em grande parte responsável por nossa desgraça e que seriamos muito mais felizes se a abandonássemos e retornássemos ás condições primitivas. Chamo esse argumento de espantoso porque, seja qual for a maneira por que possamos definir o conceito de civilização, constitui fato incontroverso que todas as coisas que buscamos a fim de nos protegermos contra ameaças oriundas das fontes de sofrimento, fazem parte dessa mesma civilização. (FREUD, 1930, p.15).

Contudo, o problema consiste no foco ideológico que o homem deposita para a obtenção de sua felicidade, quanto mais avançamos no nosso processo civilizatório, quanto mais evoluímos tecnologicamente, quanto mais entramos na produção de rotação de produtos, mais nos afastamos do que verdadeiramente nos gera bem-estar, das nossas raízes primitivas. Ocasionando cada vez mais em doenças físicas e psicopatologicas, favorecendo a alienação e a busca ininterrupta da felicidade através de objetos de desejo, de poder, tornando-se seres frustrados e doentes.

Referências

CUNHA, Cristiane; ABREU Daphne; VASCONCELOS Marina; LIMA Sérgio. Fetichismo e alienação do trabalho na atualidade a partir das concepções de Marx. Disponível em: < http://www.uesb.br/eventos/semana_economia/2014/anais-2014/g02.pdf>. Acesso em: 11/11/2016.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização, 1930 [1929]. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 65-147. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21)

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, 1905. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 163-195. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

MARX, Karl. O Capital. São Paulo, Centauro Editora, 2005.

MELLO, Carlos Antonio. Um Olhar sobre o fetichismo. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952007000100010>. Acesso em: 18/10/2016.

ROBERTO, Maria Clarilene; AUGUSTO, Marinalda; ROCHA, Olcemir. Estudo introdutório acerca do fetichismo. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822009000200005>. Acesso em: 18/10/2016.

ROSOLATO, G. "La Pulsion de MortenTant Que Mythe", in *Psychanalyse à L'Université*, 1988, 13, 50, p. 255.